
Formatos de Podcasts: uma nova proposta de classificação baseada em estruturas

Mayra Deltreggia TRINCA
Simone Pallone de FIGUEIREDO
Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP

RESUMO

As pesquisas sobre podcasts têm acompanhado o desenvolvimento e diversificação dessa mídia ao longo dos anos. Com o crescimento dos formatos e dos estudos, surge a necessidade de classificações que sirvam como delimitações de objetos de estudos. Partindo de propostas anteriores, esse trabalho coloca em debate uma nova classificação para os podcasts nacionais, separando-os em duas categorias principais: *Conversados* e *Seriados*. A primeira pode ser dividida ainda em *Mesacasts* e *Entrevistas*, segundo o foco do episódio, que pode estar em um tema ou uma pessoa, respectivamente. A segunda se separa em *Jornalísticos* e *Narrativos*, também a partir do foco principal, que está, respectivamente, em um tema ou em personagens. Essa forma de classificação contribui para estudos futuros, especialmente pesquisas comparativas, e também para produtores que buscam estratégias de engajamento, para além do tema, com suas audiências.

PALAVRAS-CHAVE: Podcasts; Classificação; Formatos; Conversas; Histórias.

Introdução

Nos seus primeiros anos de vida, o podcast já se mostrou uma mídia com grande capacidade criativa. Entre 2004 – o primeiro ano em que se registra esse formato de distribuição de arquivos de áudio – e 2006, a plataforma iTunes registrou 38 mil programas. Em dois anos, o número de podcasts existentes já era maior do que o de rádios, que contava com 36 mil (MEDEIROS, 2006). O crescimento desacelerou nos anos seguintes e os podcasts não atingiram grandes números em audiência por quase uma década.

O cenário mudou com a popularização dos smartphones, da internet móvel e com o lançamento de *Serial*, primeiro programa a viralizar. O *spin-off* de ‘This American Life’, programa que começa na rádio tradicional e depois assume o formato de podcast, foi um dos grandes responsáveis por popularizar esse formato de mídia. Em 2014, os podcasts alcançaram o marco de 1 bilhão de downloads e o consumo de podcasts disparou no Brasil e no mundo (BERRY, 2016).

O rápido desenvolvimento dos podcasts se explica pela apropriação de técnicas e modelos já consolidados na história das rádios (MARTÍNEZ-COSTA; PRATA, 2017). Esse movimento, considerado por Jenkins (2008) *apud* Ferraretto (2021) como

convergência midiática e que conversa com a multiplicidade de oferta descrita por Brittos (1999, 2002) *apud* Ferraretto (2021), descreve como os públicos migram de uma mídia a outra, buscando a melhor forma de entretenimento, o que desperta a concorrência e gera novos produtos.

Tanto as rádios quanto os podcasts têm uma forte tendência à fidelização de suas audiências. Quem se dedica a escutar um podcast costuma ouvir até mesmo episódios sobre temas que não despertam grande interesse (PERKS; TURNER, 2018), porque apreciam a sensação de acompanhar os apresentadores durante o episódio.

O rádio, em qualquer de suas manifestações comunicacionais, objetiva criar uma relação de empatia com o público. É algo que envolve sentimentos de pertença, da atribuição do papel de companheiro virtual à emissora à noção de que aquela estação ou mesmo podcasters representam os anseios, os interesses, as necessidades e/ou os objetivos de cada ouvinte (FERRARETTO, 2014, p. 45).

Para Lara-González e Campo-Cañizares (2018) os podcasts podem ser definidos em 4 As: *Any device, any time, anywhere e anything* – em qualquer dispositivo, a qualquer momento, em qualquer lugar e qualquer coisa. Sobre a noção de “qualquer coisa”, Conde (2010) diz que o público digital está acostumado a encontrar exatamente aquilo que procura. Aplicando essa percepção aos podcasts, entendemos que a produção se torna cada vez mais especializada, capaz de criar conteúdos de nicho bastante específicos, seja em conteúdo ou em forma, atendendo a uma demanda possibilitada pela conexão via internet.

A migração da audiência para o meio virtual foi o que impulsionou, nos Estados Unidos, que as rádios públicas começassem a produzir conteúdos independentes disponibilizados na forma de podcast. Somando esse movimento à profissionalização dos podcasters e da percepção, por parte de anunciantes, dos podcasts como veículos de propagandas pagas, tem início a fase que ficou definida como Segunda Era ou Era de Ouro dos podcasts (BONINI, 2015).

É também nessa fase que se percebe um aumento no número de pesquisas dedicadas aos podcasts (KISCHINHEVSKY et al, 2017). De início, os estudos eram majoritariamente voltados a delimitar os contornos dessa nova mídia, aproximando-a ou afastando-a do conceito de rádio tradicional (VIANA, 2020).

Depois, seguem as possibilidades de uso da mídia, associadas a outras áreas do conhecimento. Um estudo bibliométrico de 2018 identificou 669 trabalhos sobre o tema na Web of Science, separando-os em três eixos temáticos: (1) tecnologia e educação, (2)

podcast e saúde e (3) podcast e rádio (AVELAR et al, 2018). Couto e Martino (2018) também fizeram um levantamento de teses e dissertações sobre podcasts entre 2006 e 2017. Nessa pesquisa, destaca-se que os trabalhos se dividem entre as investigações acerca de produções específicas ou em estudos de comparação e transformação da mídia, comparando-a com a rádio tradicional.

Ao olhar para os estudos específicos de rádio e mídia sonora, Viana (2020) encontrou 34 trabalhos sobre podcasts entre 2004 e 2019. A autora cita que revisões bibliográficas e estudos de caso foram os métodos mais comumente utilizados, “talvez pelo caráter embrionário do podcast e pela escassez de métodos exclusivos” (VIANA, 2020, p. 6).

Conforme os podcasts vão se consolidando, novos estudos são necessários para compreender a evolução do podcast enquanto mídia. Entre eles, estão as propostas de classificação e categorização dos programas. Essas definições são importantes para o avanço dos estudos, já que o formato apresentado, além do conteúdo, interfere nas escolhas do que e quando escutar e, conseqüentemente, na audiência.

As definições dos formatos de podcasts se ancoram nas classificações já estabelecidas para o rádio. Barbosa Filho (2003) *apud* Mafra *et al.* (2010) lista sete gêneros radiofônicos distintos, baseados no objetivo de cada programa com sua audiência. São eles: Jornalísticos; Educativos-Culturais; de Entretenimento; Publicitários; Propagandísticos; de Serviço; Especiais-híbridos. Já Vicente (2016), de maneira muito próxima, classifica os programas radiofônicos em cinco gêneros: Publicitário ou Comercial; Jornalístico ou Informativo; Musical; Dramático ou Ficcional; Educativo-Cultural. O autor destaca que os programas também podem ser híbridos, como listado por Barbosa Filho, reunindo elementos de dois ou mais gêneros.

Baseando-se nessas categorias, Medeiros (2006), em um dos primeiros trabalhos sobre podcasts no Brasil, classifica os programas existentes em apenas quatro modelos: Metáfora; Editado; Registro; Educacional. É importante observar que as classificações de gêneros radiofônicos utilizam o conteúdo veiculado ou o objetivo dos programas como delimitadores das categorias, e não a estrutura e organização.

Cientes desses desafios, Silva e Santos (2020), ao fazerem um levantamento comparativo dos podcasts mais escutados no Brasil e nos Estados Unidos, classificaram os programas a partir de um conjunto de categorias: Jornalístico, Entrevistas, Debates, Divulgação Científica, Monólogo, Diálogo, Educativo, Dicas, Comentários e Outros.

Entretanto, os autores não buscam enquadrar os podcasts em uma única categoria, e utilizam várias delas para descrever um mesmo programa.

De forma semelhante, Bufarah (2020) propõe que podcasts jornalísticos sejam classificados segundo uma série de características, que consideram informações técnicas, recursos de produção, temas, finalidades, tempo de duração, periodicidade de publicação, entre outros. Destaca-se, aqui, os gêneros propostos pelo autor para classificar os recursos narrativos que podem ser utilizados, a partir do objetivo de cada programa. São eles: Informativo, Opinativo, Interpretativo, Utilitário e Diversional.

Mais recentemente, Viana e Chagas (2021), baseando-se nos estudos citados acima e na observação dos 50 podcasts mais ouvidos nos agregadores Spotify, Google Podcasts e Apple Pod, propuseram oito estruturas presentes nos podcasts nacionais. São elas: Relato; Debate; Narrativas da realidade; Entrevista; Instrutivo; Narrativas ficcionais; Noticiosos; Remediado. Entretanto, os autores reforçam que encontraram “fronteiras em constante mutação, nas quais características que definem um episódio como narrativo, muitas vezes se misturam com debates, entrevistas e outras estratégias de aproximação com o ouvinte” (VIANA; CHAGAS, 2021, p. 10).

Já Figueira e Bevilaqua (2022), que trabalharam apenas com podcasts de Ciência brasileiros, propuseram uma classificação a partir da própria descrição fornecida pelos produtores e da escuta de alguns episódios de cada programa. Os autores estabeleceram 13 categorias: Bate-Papo; Storytelling; Educacional; Rádio; Solo; Entrevista; Multi-Host; Mesa Redonda; Revista; Informativo; Comentários/Perguntas e Respostas; Tutorial; Drops/Pílulas. Entretanto, esses formatos não são fixos e episódios diferentes de um mesmo programa podem estar em formatos diferentes.

Em diversas propostas citadas, como de Bufarah (2020), Viana e Chagas (2021) e Figueira e Bevilaqua (2022), assim como nas propostas para os gêneros radiofônicos, a estrutura do episódio parece se misturar com seu objetivo ou conteúdo no momento de estabelecer categorias. Um podcast em formato de entrevistas pode ter como objetivo informar seus ouvintes, por exemplo. Ou um podcast de relato pessoal pode ter uma estrutura narrativa, já que conta uma história. É o que destacam Juliana Wallauer e Cris Bartes, criadoras do podcast Mamilos e integrantes da plataforma B9, no curso “Podcast: da concepção à monetização” disponível na plataforma Percursa. Para as apresentadoras, é comum que diferentes formatos se misturem nos podcasts, portanto é necessário definir qual a intenção principal de cada programa.

Considerando essas dificuldades, na contramão dos trabalhos anteriores, Berry (2020) defende a separação dos formatos de podcasts em apenas 3 tipos: Conversados, Narrativos e Ficcionalis. Para o autor, qualquer podcast que estabeleça um diálogo, seja entre duas ou mais pessoas, ou entre um entrevistador e um entrevistado, pode ser classificado como conversado. E qualquer podcast que possua um fio narrativo que guia o ouvinte através de um tema, é um podcast narrativo. Já os ficcionais possuem uma classificação à parte por criarem histórias além da realidade.

Proposta

O objetivo deste trabalho é propor uma nova classificação para os podcasts brasileiros. Não há aqui a pretensão de classificar todos os podcasts ativos, apenas estabelecer categorias que possam contribuir para a delimitação de objetos de estudo em pesquisas futuras.

As categorias propostas se baseiam nos trabalhos já citados (Berry, 2020; Viana; Chagas, 2021; Figueira; Bevilaqua, 2022) e na escuta rotineira de diversos programas ativos no Brasil. Os programas podem ser classificados em duas grandes categorias, subdivididas em quatro formatos distintos, como colocado a seguir:

1. *Conversados*: o programa é um diálogo entre duas ou mais pessoas.
 - a. *Mesacast*: o diálogo segue um assunto central, mesmo com a presença de convidados, o foco é em um tema específico.
 - b. *Entrevista*: o centro do diálogo está na pessoa entrevistada, os assuntos podem ser diversos, mas a formação/história de vida dessa pessoa é essencial para o andamento do episódio.
1. *Seriados*: o programa é uma narração, seguindo um roteiro bem estruturado.
 - a. *Jornalístico*: a narração segue uma pauta – um tema ou assunto específico – como fio condutor, podem aparecer vozes de fora, que atuam como fontes de informação.
 - b. *Narrativos*: o fio condutor é uma história, apresenta personagens bem definidos, que executam diversas ações ao longo do programa.
 - i. *De realidade*: a história contada é real.
 - ii. *Ficcionalis*: a história contada é uma ficção.

A primeira classificação dos programas em Conversados e Seriados parte das categorias colocadas por Berry (2020), associadas ao conceito de podcasts seriados de

Lopez e Alves (2019). Baseando-se em propostas de programas televisivos, estendem três categorias de narrativas seriadas em podcasts: Capítulos; Episódios seriados; Episódio unitário. O que une as três categorias é a serialização, apresentação de cenas ou informações em sequência bem definida, seja entre episódios ou dentro de um único episódio (LOPEZ; ALVEZ, 2019).

Os podcasts do tipo Conversados são programas dialogados, popularmente conhecidos como bate-papos, que podem ou não ser roteirizados, mas que mantêm uma fala dinâmica, com poucos elementos sonoros, normalmente apenas nas vinhetas e transição de quadros. Já os podcasts Seriados costumam ter um roteiro mais estruturado, que segue um fio condutor ao longo do episódio. São apresentados por uma ou mais pessoas que assumem a narração, mas podem conter inserção de outras vozes como fontes. A produção técnica também é mais elaborada, com efeitos e trilhas que ajudam a criar paisagens sonoras.

Os podcasts de Seriados se diferenciam dos Conversados, principalmente por causa do processo de escuta, como explicam Lopez e Alves: Seu

processo de escuta demanda mais engajamento e atenção concentrada do usuário, seja para compreender o conteúdo proposto deve ao tempo de exposição – já que existem podcasts de storytelling com duração superior a 60 minutos –, seja para dar seguimento ao fluxo narrativo – uma vez que, para conhecer a história por completo, é necessário acompanhar os programas de forma seriada (LOPEZ; ALVES, 2019, p. 5).

Dentro das categorias principais, a classificação separa os programas pelo seu objetivo, o foco principal do episódio, que pode ser um tema, uma pessoa ou uma história. Entre os programas Conversados, os Mesacasts têm como foco um assunto ou tema, que é o centro da conversa entre os participantes. O debate pode acontecer apenas entre os apresentadores ou convidados presentes, mas que estão ali para conversar sobre o tema proposto e não sobre si. Por exemplo, programas famosos no cenário nacional como Nerdcast da Jovem Nerd, Xadrez Verbal da Central 3 Podcasts e Naruhodo da B9 são Mesacasts, em que cada episódio os apresentadores debatem um tema central. Quando convidados estão presentes, discutem sobre o tema de forma independente da sua história de vida.

Já os programas de Entrevistas sempre apresentam uma pessoa convidada, que participa do programa para contar sobre sua trajetória ou sobre alguma especialidade sua. Mesmo que a entrevista circunde um tema definido, a abordagem será única dependendo

da sua história de vida ou formação. Ou seja, o foco do programa está na personalidade ali presente. O Guilhotina do Le Monde Diplomatique Brasil, o Ilustríssima Conversa da Folha de São Paulo e o Mano a Mano da Spotify são Entrevistas, já que a pessoa ali presente, ou seu trabalho em específico, é o centro da conversa. A diferença entre os Mesacasts e os de Entrevista é frequentemente marcada no título do episódio, Mesacasts tem o tema como título e os de Entrevista já apresentam o nome da pessoa entrevistada.

Os podcasts Conversados foram os primeiros a aparecer e se popularizar, principalmente por sua facilidade de produção – que exige pouco mais que um microfone e um programa de edição de som –, e ainda se mantêm como formato principal da maioria dos programas (SILVA; SANTOS, 2020). Parte desse sucesso se dá pela proximidade que quem escuta tende a criar com os apresentadores. A sensação de ouvir uma conversa entre amigos é um dos principais fatores que levam a escuta desses podcasts (PERKS; TURNER, 2018).

De maneira semelhante, os programas Seriadados podem ser divididos segundo seu foco principal. Nos programas chamados Jornalísticos, o fio condutor é um assunto principal, que é detalhado e elaborado ao longo do episódio, seguindo os moldes de uma reportagem. É o texto considerado expositivo que “não se organiza, no aspecto central, em torno de sequências de acontecimentos sucessivos” (LAGE, 2001 *apud* KISCHINHEVSKY, 2017, p. 12). A maioria dos programas desse formato apresentam fontes externas, que aparecem como trechos de entrevistas recortados e encaixados com a narração do apresentador. O Rádio Escafandro do Tomás Chiaverini, o Café da Manhã da Folha e o Fronteiras da Ciência, produzido pelo Instituto de Física da UFRGS são exemplos de programas Jornalísticos, que investigam e apresentam um tema, seguindo o formato de uma reportagem.

O modo como as fontes são apresentadas é uma das principais diferenças entre os programas Jornalísticos e Narrativos,

enquanto o jornalismo de pirâmide utiliza entrevistados como fonte de informações amparadas e validada a parte das instituições de poder que representam, no jornalismo literário esses indivíduos se transformam em personagens que, retratados em seu sentir e agir no mundo, têm a validação de sua fala articulada a partir de suas vivências, que lhes conferiria credibilidade de modo independente de um amparo institucional (PASSOS, 2017, p. 5).

O formato Narrativo apresenta personagens bem definidos e que executam diversas ações que dão corpo ao episódio. Diferente de personagens ou cenas pontuais

que podem aparecer nos podcasts Jornalísticos, aqui eles são essenciais para o andamento da história, não apenas exemplos. Esses programas utilizam diversas trilhas sonoras, que são responsáveis pela criação de cenas e paisagens para a história que está sendo contada (MCHUGH, 2016). O último podcast da Folha a viralizar, A Mulher da Casa Abandonada e o Tempo Quente, da Rádio Novelo, são exemplos de podcasts Narrativos, que ao longo de um programa ou de uma temporada, exploram histórias reais, ambientadas em locais bem determinados e com personagens essenciais para o desenvolvimento das histórias contadas.

Nos Estados Unidos, os podcasts narrativos já eram maioria entre os mais ouvidos em 2019 (SILVA, SANTOS, 2020). No Brasil, onde a popularização da mídia é mais recente e costuma seguir os padrões estadunidenses, os podcasts narrativos vêm ganhando mais adeptos a cada dia. Além da empatia com os personagens – caso semelhante ao que ocorre com os apresentadores –, a própria estrutura narrativa estimula a curiosidade natural que temos com as histórias dos outros (SANTOS; PEIXINHO, 2019). Outro fator importante é a utilização de ganchos e outros recursos narrativos para gerar suspense e prender a atenção de quem escuta (KISCHINESVKY, 2018).

Por fim, embora a maioria dos podcasts Narrativos contem histórias da realidade, começam a aparecer no Brasil as ficções em áudio. O Madê vai ao Chico, produzidos por Erika Rohlfs e Thiago Gazzinelli, e o Sons & Drinks da B9 são exemplos de programas que começam a explorar a ficção em áudio no Brasil. Esses programas seguem os mesmos aspectos já citados, mas se aproximam ainda mais das radionovelas, utilizando mais sonoplastias e efeitos sonoros para ambientar as cenas. São programas que vêm explorando as potencialidades do áudio 3D e mostram que há espaço para produções sonoras mais elaboradas (LOPEZ; ALVES, 2019).

Considerações Finais

A popularização dos podcasts na última década catalisou um aumento no número e na diversidade de programas disponíveis. A variedade está nos temas e assuntos abordados e nos formatos e estruturas utilizados pelos produtores. Delimitar essas possibilidades é importante para melhor compreender a dinâmica em torno dos podcasts.

Neste trabalho, foi colocada uma nova possibilidade de classificação dos programas a partir de seu formato. A divisão a partir da estrutura utilizada é importante porque diferentes formatos de podcasts exigem dedicação diferente às condições de

produção e escuta e, conseqüentemente, afetam as relações estabelecidas com a audiência. Entretanto, pela própria dinamicidade da mídia, os contornos das categorias ficam distorcidos, o que dificulta uma classificação precisa.

Pensando nisso, a proposta apresentada foca em estruturas básicas, esqueletos do formato final. Assim, os programas foram separados em quatro formatos diferentes, abrigados em duas grandes categorias. A primeira, dos podcasts Conversados, que abriga os Mesacasts e as Entrevistas, formatos mais dialogados e dinâmicos, que priorizam a interação espontânea entre os participantes. A segunda, dos podcasts Seriados, engloba os programas com roteiros mais detalhados e sequencializados do que os anteriores. Estão dentro dessa categoria os podcasts Jornalísticos e Narrativos, que podem apresentar histórias reais ou fictícias.

Espera-se que uma classificação em categorias mais abrangentes, com contornos mais facilmente identificáveis, contribua para a delimitação de objetos de estudo em trabalhos futuros. Com o estabelecimento de categorias bem delimitadas, é possível desenvolver estudos comparativos, buscando aproximações ou distanciamentos entre os formatos e as conseqüências do uso de cada tipo de estrutura na construção da comunidade de ouvintes. É possível averiguar se o formato, e não só o conteúdo, é capaz de influenciar no público ouvinte e nas relações que diferentes públicos estabelecem com o podcast.

A partir dessas características, a classificação mais precisa também pode contribuir para que produtores de podcasts, tendo acesso a essas informações, possam fazer escolhas mais conscientes das estratégias e formatos a serem desenvolvidas para alcançar o objetivo e o público desejado de cada programa.

REFERÊNCIAS

AVELAR, K. et al. *Podcast: trajetória, temas emergentes e agenda*. 41º Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, Joinville-SC, set/2018.

BERRY, R. Part of the establishment: Reflecting on 10 years of podcasting as an audio medium. *Convergence* v. 22, n. 6, p. 1-11. 2016.

BERRY, Richard. **There are just 3 types of podcast**. Radio & Podcast Academic, 29 de julho de 2020. Disponível em: <https://richardberry.eu/there-are-just-3-types-of-podcast/>

BONINI, T. La “segunda era” del podcasting: el podcasting como nuevo medio de comunicación de masas digital. *Quaderns del CAC* 41, v. 18, p. 23-33, 2015.

BUFARAH, A. Proposta de classificação de podcasts jornalísticos na internet brasileira. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, evento virtual, dez/2020.

CONDE, M. J. G. La ciberradio. Nueva alternativa de futuro para la radio. **Revista de Estudios de Juventud** v. 88. p. 51-62. 2010.

COUTO, A. L. S.; MARTINO, L. M. S. Dimensões da pesquisa sobre podcast: trilhas conceituais e metodológicas de teses e dissertações de PPGComs (2006-2017). **Revista Rádio-Leituras** v. 9, n. 02, p. 48-68, 2018.

FERRARETTO, L. A. **Rádio: Teoria e Prática**. São Paulo, Ed. Summus, 2014.

FERRARETTO, L. A. Conceitos de rádio: múltiplos olhares ressignificando e atualizando definições. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 12, n. 2, p. 10-29, 2021.

FIGUEIRA, A. C. P.; BEVILAQUA, D. V. Podcasts de divulgação científica: levantamento exploratório de formatos de programas brasileiros. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n.1, p. 120-138, jan.-mar. 2022.

KISCHINHEVSKY, M. Podcasting como suporte para experiências imersivas de radiojornalismo narrativo. **15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, São Paulo-SP, nov/2017.

KISCHINHEVSKY, M. et al. A consolidação dos estudos de rádio de mídia sonora no século XXI – Chaves conceituais e objetos de pesquisa. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.** v. 40, n. 3, p. 91-108. 2017.

KISCHINHEVSKY, M. Rádio em episódios, via internet; aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, v. 5, n. 10, p. 74-81, 2018.

LARA-GONZÁLEZ, A; CAMPO-CAÑIZARES, E. El podcast como medio de divulgación científica y su capacidad para conectar con la audiencia. **Revista Mediterránea de Comunicación** v. 9, n. 1, p. 347-359. 2018.

LOPEZ, D. C.; ALVES, J. Apontamentos metodológicos para a análise de podcasts seriados. **42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Belém-PA, set/2019.

MAFRA, E. M. O. et al. Linguagem Radiofônica: o sistema de comunicação aplicado na divulgação científica no rádio. **XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Caxias do Sul, RS, set/2010.

MARTÍNEZ-COSTA, M. P.; PRATA, N. La radio en busca de su audiencia: hacia una escucha diversificada y multiplataforma. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.** v. 40, n. 3, p. 109-128, 2017.

MCHUGH, S. How podcasting is changing the audio storytelling genre. **The Radio Journal – International Studies in Broadcast & Audio Media** v. 14, n. 1, p. 65-82, 2016.

MEDEIROS, M. S. *Podcasting: Um Antípoda Radiofônico*. **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Brasília-DF, set/2006.

PASSOS, M. Y. De fontes a personagens: definidores do real no jornalismo literário. **40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba-PR, set/2017.

PERKS, L. G.; TURNER, J. S. Podcasts and Productivity: A Qualitative Uses and Gratifications Study. **Mass Communication and Society** p. 1-21. 2018.

SANTOS, S.; PEIXINHO, A. A redescoberta do *storytelling*: o sucesso dos *podcasts* não ficcionais como reflexo da viragem. **Estudos em Comunicação**, n. 29, p. 147-158, 2019.

SILVA, S. P.; SANTOS, R. S. O que faz sucesso em podcast? Uma análise comparativa sobre os podcasts mais populares no Brasil e nos Estados Unidos em 2019. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 49-77, 2020.

VIANA, L. Estudos sobre podcast: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 3, dez/mar 2020.

VIANA, L; CHAGAS, L. J. V. Categorização de podcasts no Brasil: uma proposta baseada em eixos estruturais a partir de um panorama histórico. **XIII Encontro Nacional de História da Mídia**, mai/2021.

VICENTE, E. V. **Gêneros e formato radiofônicos**. São Paulo: Núcleo de Comunicação e Educação, 2016. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4327572/mod_resource/content/1/G%C3%AAneros%20Radiof%C3%B4nicos.pdf. Acesso em 30 de junho/2022.